

BASQUETEBOL NA ESCOLA: PERCEPÇÕES FEMININAS

Thaís de Assis
Eliane Glória Reis da Silva Souza

RESUMO: O estudo tem como objetivo descrever as percepções das meninas sobre o basquetebol nas aulas de Educação Física escolar. O problema da pesquisa está centrado na seguinte questão: Qual a percepção das meninas sobre a aplicação do conteúdo basquetebol nas aulas de educação física escolar. A amostra é composta por 48 meninas estudantes na cidade de Niterói RJ. Para análise dos dados utiliza-se um tratamento não estatístico baseado na análise percentual (%) das respostas. Os resultados destacam que: as meninas em sua maioria não gostam de praticar basquetebol nas aulas e não costumam jogá-lo em seus tempos livres; nas aulas de Educação Física nota-se que as meninas às vezes participam de sua prática, sendo que o basquetebol é oferecido para ambos os sexos; em uma relação de preferência a prática deste esporte aparece entre a segunda e a terceira opção e, afirmam também, que não gostam de ter aula teórica; a amostra afirma não ter conhecimento sobre as regras do Basquetebol, porém, mostra interesse em participar do esporte com regras adaptada; o que mais motiva a participação das meninas nas aulas é que o Basquetebol é um esporte interessante e o que desmotiva as mesmas é o fato de não gostarem de praticar esporte. Conclui-se que as meninas participam pouco das aulas de basquetebol, não gostam de sua prática e têm evidente a preferência por outras modalidades esportivas como observado no contexto do estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Basquetebol. Gênero. Educação Física Escolar.

INTRODUÇÃO

O basquetebol foi criado em 1891 por James Naismith, professor de Educação Física canadense, na Associação Cristã de Moços em Springfield, em Massachussetts, nos Estados Unidos (VIEIRA; FREITAS 2006).

Atualmente, este vem ocupando espaço na mídia, sendo divulgado e praticado em todo mundo e atende mais de trezentos milhões de pessoas em mais de cento e trinta associações nacionais e internacionais (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASQUETEBOL, 2011).

Por ser um elemento da cultura corporal do movimento, e fruto de uma construção histórica, social e cultural da humanidade, podendo ser praticado por crianças e adolescentes nas escolas, desde atividades lúdicas, jogos,

brincadeiras e fazendo uso de vivências divertidas ou até ser ensinado de maneira a desenvolver as capacidades físicas, tanto da forma física como das habilidades motoras, visando melhora da aptidão física voltada para a saúde e os próprios benefícios que o esporte coletivo implementa aos seus praticantes, tais como: melhora da velocidade de reação, da coordenação motora, da autoestima e da interação social que promove a consciência de trabalhar em equipe (BRASIL, 1998; COLETIVO DE AUTORES, 2004).

Segundo Barreto (2004), este esporte como conteúdo nas aulas de educação física pode ser considerado como um instrumento a mais para que os jovens possam a este conhecer e a dominar mais seu corpo, desenvolvendo e aprimorando suas possibilidades de movimentação, descobrir novos espaços, novas formas, superar suas limitações e condições para enfrentar novos desafios quanto aos aspectos motores, sociais, afetivos e cognitivos.

Na escola esta prática deve ser democrática e oportunizada tanto para os meninos quanto para as meninas. Contudo, em razão do contato físico e de ser esta uma modalidade considerada ainda como de reserva dos meninos, a visão das meninas nas aulas deste esporte tem relevância.

O problema da pesquisa está centrado na seguinte questão: Qual a percepção das meninas sobre a aplicação do conteúdo basquetebol nas aulas de educação física escolar?

O objetivo deste estudo é descrever a partir das falas das meninas, suas percepções sobre o basquetebol nas aulas de Educação Física escolar.

O estudo se justifica, pois se percebe que apesar dos alunos gostarem da prática deste esporte, ainda existe alguma resistência por parte das meninas em participar das aulas práticas em algumas escolas.

GÊNERO E BASQUETEBOL

Louro (2010) esclarece que os estudos feministas estiveram preocupados com o tema relações de poder. Homens e mulheres são construídos tanto de mecanismos de censura e repressão quanto de práticas que instituem condutas, posturas e padrões. É o poder exercido sobre os corpos, classes sociais, raças e etnias.

O conceito de gênero deve ser interpretado como categoria relacional por ser aquela em que “as mulheres e os homens eram definidos em termos

recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado” (SCOTT,1995, p. 72).

Gênero é uma construção cultural que difere do sexo, e que se propõe a compreender o termo como constituinte da identidade do sujeito, ou seja, gênero “transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito” (LOURO, 2010, p.25).

Ao abordar as diferenças de gênero, não se pode reduzir seu entendimento às diferenças entre os sexos, pois o fato de ser mulher ou homem não é o mesmo que ser feminino ou masculino (DEVIDE, 2005).

De acordo com Santos et al. (2007), as concepções geradas acerca do gênero e seus respectivos papéis são de cunho cultural, cabe à própria sociedade reinventar tradições não condizentes para com o desenvolvimento humano. Logo, as escolas juntamente com os pais devem estar atentos na construção e nas representações de práticas sociais que sejam inclusivas para todos/as.

É preciso se repensar as estruturas das aulas, pois uma aula de Educação Física tradicional para uma turma heterogênea relacionada principalmente o desporto, seria organizada a partir de uma divisão de turma onde de um lado estariam às meninas e os meninos para o outro. Talvez, num primeiro momento, pareça apenas uma forma de organização de uma aula na escola ou ainda uma forma de distribuição de alunos e alunas. Contudo, essa separação pode estar ancorada em uma exclusão em razão da menor habilidade motora das meninas, ou ainda, por ser a manifestação desportiva considerada como sendo uma atividade masculinizante que favorece aos meninos e exclui as meninas das aulas de Educação Física escolar (DORNELLES, 2006; DEVIDE et al.; 2010).

No relacionamento entre meninos e meninas é comum se observar a presença de conflitos, resistências e até mesmo exclusão entre eles. Por esta razão, um dos objetivos dos PCN's (BRASIL, 1997) é levar os alunos a serem capazes de participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas para todos/as.

Para Devides et al. (2010), é necessário que se faça um esforço em se reconhecer e respeitar as diferenças, seja em características físicas, ou nos níveis de habilidade ou de desempenho, sem discriminar ou estigmatizar as

personais em razão do sexo, cor, nível social, religião, cabendo aos professores problematizarem estas questões quando emergirem nas aulas (DEVIDE et al; 2010).

Neste sentido a Teoria da Coeducação poderia ser um instrumento a mais a ser utilizada nas aulas de EF escolar visando minimizar as diferenças sócio-históricas construídas entre os sexos, na tentativa de se equanimizar as oportunidades para meninos e meninas durante as aulas na escola (COSTA; SILVA, 2002).

Darido e Rangel (2005) relatam a necessidade dos professores de Educação Física em estar dispostos a investir em aulas com estratégias alternativas para contemplarem a heterogeneidade do grupo. No entanto, devem estar atentos as propostas, pois nenhuma adaptação deve vir no sentido de reforçar às diferenças entre os gêneros.

As muitas diferenças no comportamento de meninos e meninas são inegáveis e refletem uma cristalização construção cultural introjetada, que deve ser repensada. Reconhecê-las e ressignificá-las para diminuir as desvantagens é uma tarefa complexa que cabe ao educador, mas também a família e a sociedade como um todo (SOUZA; FERRAZ; VELOSO; DEVIDE, 2013).

Estar atento às questões de gênero durante as aulas cujo conteúdo seja o esporte, que é sabido que dos elementos da cultura corporal é o considerado mais masculino e viril, seria uma forma de ajudar os jovens a construir relações com equidade e com respeito pelas diferenças, permitindo aos meninos e as meninas transitarem indistintamente nos universos bipartido por preconceitos, afinal não dois mundos e sim de todos (SCOTT, 1995; BRASIL, 1997).

Refletir sobre as questões de gênero na Educação Física não é uma novidade, porém ainda é uma necessidade. Dessa forma é possível mencionar que estas podem interferir na ação pedagógica no decorrer das aulas, assim como no aprendizado do basquete.

Kunz et al. e Carvalho et al. (2010) mencionam que estas questões encontram-se muitas vezes presentes nas aulas de Educação Física, à medida que opõem os meninos, como mais fortes, mais rápidos, mais habilidosos, às meninas, tidas como mais frágeis, dóceis, mais flexíveis, porém menos capazes de desenvolver certas habilidades requeridas para a prática do esporte.

É necessário compreender que o gênero apresenta uma relação com as características culturais e que as práticas corporais não são, simplesmente, ações que desenvolvem os processos anatômicos, biológicos e fisiológicos, mas um conjunto de processos, sociais, culturais, afetivos e identitários que desenvolvem e tem efeitos, em graus variáveis, na vida dos meninos e meninas (SOARES, 2006; GOELLNER; FIGUEIRA, 2007).

MÉTODOS

Esta é uma pesquisa qualitativa, descritiva, do tipo survey e exploratória. Esta visa determinar informações sobre práticas ou opiniões pessoais de um grupo em especial (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007).

A amostra é composta por 48 meninas, que são alunas que integram do 5º ao 9º ano e que frequentam o ensino fundamental de uma escola da rede privada no município de Niterói/Rio de Janeiro.

O instrumento para a coleta dos dados é um questionário composto de 10 questões fechadas, validado por uma banca composta por três professores, mestres e doutores do curso de Educação Física das Faculdades Integradas Maria Thereza, em Niterói - FAMATH.

Conforme Santos (2008), as vantagens de se adotar este questionário se deu em função das seguintes razões: quanto às respostas, por escrito, as questões ficam mais fáceis de serem operacionalizadas e há economia no tempo, permite sistematizar os resultados obtidos mais rapidamente e dar tratamento dos dados também, dentre outros.

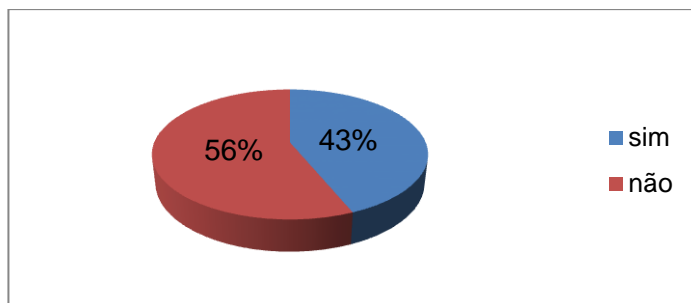
A escolha das alunas foi realizada de forma não intencional e voluntária, conforme entendimento de Thomas, Nelson e Silverman (2007), tendo sido questionadas somente as que estavam presentes no dia da aplicação do instrumento de coleta.

A apuração dos resultados obtidos foi realizada através de tratamento não estatístico, baseado na análise percentual (%) das respostas obtidas. Para tal foi utilizado o software Microsoft Office Excel 2010.

APRESENTADO OS RESULTADOS ENCONTRADOS

As respostas foram apresentadas em forma de gráficos, seguidos da interpretação a partir das respostas das alunas.

Gráfico 1: Prática do Basquetebol na escola.

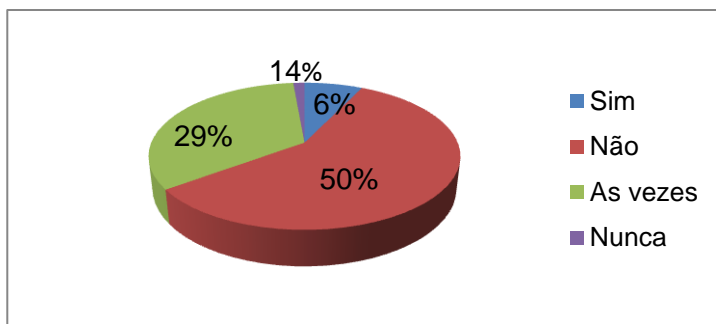


Quando indagadas se gostam ou não de praticar Basquetebol, 43% (21) afirmam gostar de praticar e 56 % (27) que não gostam de praticá-lo.

Estes dados se assemelham com a fala de Casco (2010) na qual esclarece que a muitas meninas não gostam das aulas de EF na escola, principalmente quando o conteúdo das aulas recai sobre a prática dos desportos coletivos, como o futebol, handebol, futsal, no caso em questão, o basquetebol, que durante décadas privilegiou os meninos, entendendo que estas modalidades eram destinadas para eles, por serem vigorosas, viris, masculinas e que necessitaria de habilidades motoras, que não eram estimuladas para a categoria feminina.

Contudo, no cenário atual, causa estranheza às meninas estarem ainda distantes do universo das quadras ou das aulas de EF na escola. Muitos esforços vêm sendo realizados para minimizar as diferenças e democratizar as práticas culturais e de acordo com o pensamento pós-contemporâneo, não há que se falar em categorias fixas e cristalizadas por papéis sociais (SCOTT, 1995; DEVIDE et al.; 2010).

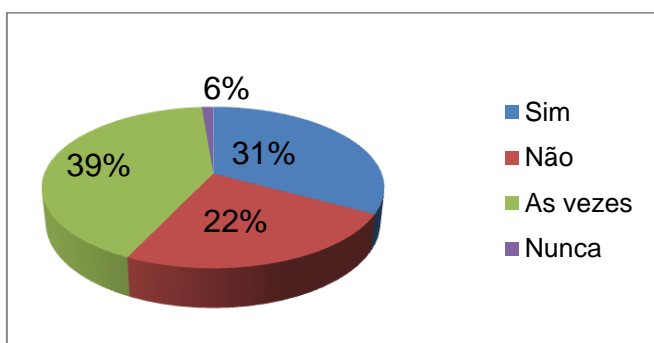
Gráfico 2: Basquetebol e tempo livre.



A amostra destaca que nos tempos livres, 6% (2) jogam basquetebol; 50% (23) não jogam; 29% (15) às vezes; 14% (9) afirmam que nunca jogaram basquetebol nos seus momentos de lazer ou quando simplesmente estão em horário livre.

Esta questão só deu conta de responder sobre o basquetebol, onde a maioria das meninas não se sente atraídas para no momento de lazer ir para a quadra e ficar praticando o arremesso, por exemplo. Mas, deixa a dúvida sobre o que estas fazem neste período.

Gráfico 3: Basquetebol e Educação Física.

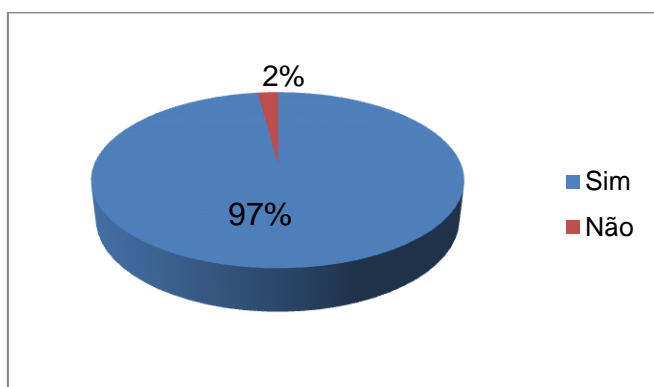


Quando indagadas sobre a prática do basquetebol nas aulas de Educação Física, 31% (15) afirmam que jogam; 22% (11) não jogam; 39% (19) às vezes e 6% (3) das meninas afirmam nunca jogar.

De acordo com os dados apresentados por Ferreira (2009), especialmente no que diz respeito ao basquetebol, este provavelmente seria um dos esportes coletivos que ao longo das últimas décadas, vem se reinventando com mudanças de regras e novas adaptações, tendo uma ferramenta importante que é fazer os alunos e as alunas se interessarem, por

essa prática esportiva, onde os mesmos trabalharão o cognitivo, agilidades motoras desconhecidas e aprimorarão conhecimentos, as inúmeras possibilidades e procedimentos existentes como facilitadores no processo de ensino e aprendizagem e, também, as questões sociais e de gênero durante as aulas.

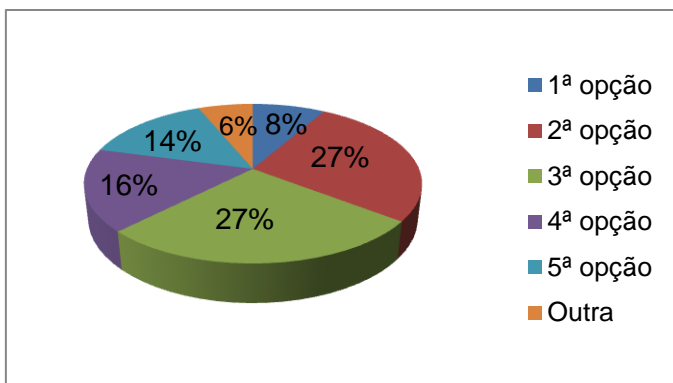
Gráfico 4: Basquetebol e Gênero.



Quando questionadas sobre se na escola o basquetebol era para todos, ou seja, uma prática mista, onde meninos e meninas têm participação equânime, pode-se perceber que 97% (47) afirmam que sim e 2% (1) afirma que não.

Tal resultado está em consonância com Gonçalves Junior e Ramos (2005) e Casco (2010) que afirmam que ao propormos que meninas e meninos devam estar juntos nas aulas de educação física escolar, não somente através das aulas mistas que os unem sem uma reflexão crítica quando necessária, mas principalmente, sob a égide da abordagem da coeducação, na qual pretende se problematizar as diferenças, o valor da discussão saudável e da possibilidade de se reinventar o cotidiano, tendo no docente um mediador comprometido em rechaçar preconceitos e rótulos que possam surgir durante as aulas.

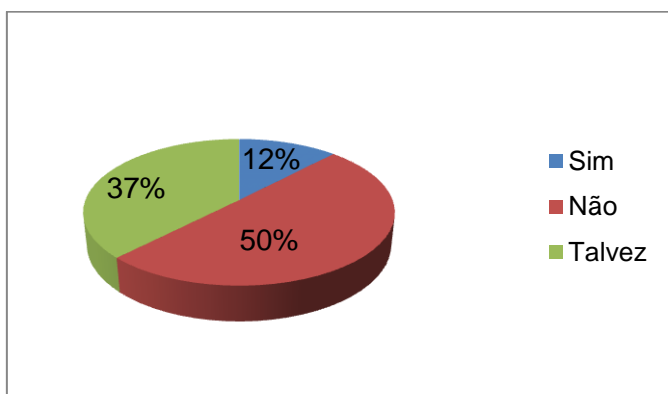
Gráfico 5: Opção pelo Basquetebol.



Em uma relação de preferência sobre a opção do basquetebol nas aulas, foi visto que as alunas colocariam sua prática entre a 2ª e 3ª opção. Dos informantes apenas como 1ª. opção somente 4 alunas o escolheria, 13 disseram que seria a 2ª. opção e também 13 alunas disseram ser a 3ª. opção.

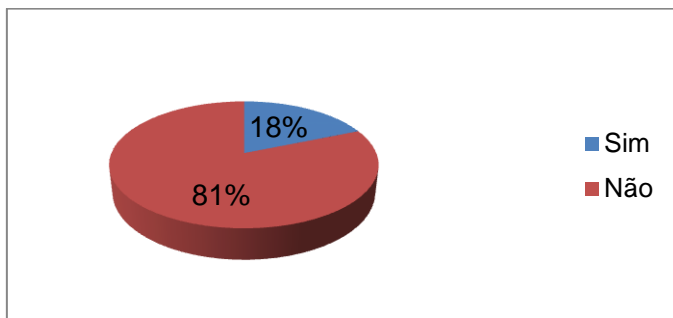
De acordo com Oliveira e Paes (2012), o fato de o basquetebol ser uma modalidade, de certa forma, ainda não tão explorada nas aulas de educação física escolar, especialmente nesta escola, pode ter relação com o pouco de conhecimento sobre este esporte. Este fato pode inibir os docentes de se valer dele como mais uma possibilidade a ser trabalhada nas aulas e conseqüentemente, as alunas também se distanciam.

Gráfico 6: Aulas teóricas.



Quando questionados sobre a aplicação de aulas teóricas, obtiveram-se os seguintes resultados: 12% (14) meninas gostam de ter aula teórica; 50% (15) não gostam e 37% (19) afirmam que talvez gostariam de ter aulas teóricas de basquetebol.

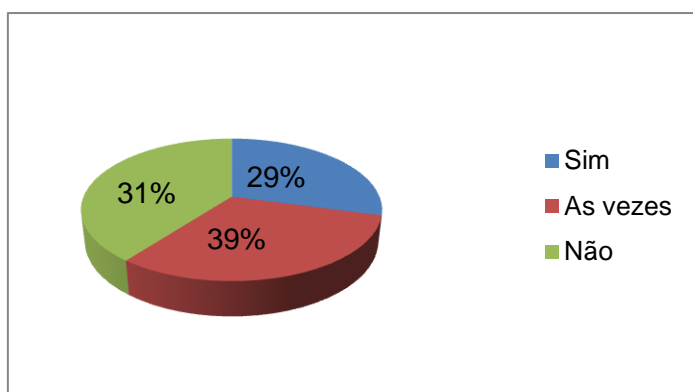
Gráfico 7: Conhecimento sobre as regras.



Quando questionadas se as meninas conhecem ou não as regras do basquetebol, 18% (9) afirmam que conhecem e 81% (38) não conhecem as regras.

Este resultado encontra eco no estudo de Oliveira e Paes (2012), que afirmam que o Basquetebol por ser uma modalidade esportiva dotada de alguma complexidade especialmente quanto às regras, por ser muito diferente, por exemplo, do futebol, que é uma modalidade mais conhecida de todos. Então, esta necessita de estratégias por parte do docente que ultrapassem somente aulas práticas ou aulas do tipo “rola a bola”, onde os alunos/as ficam por sua própria conta.

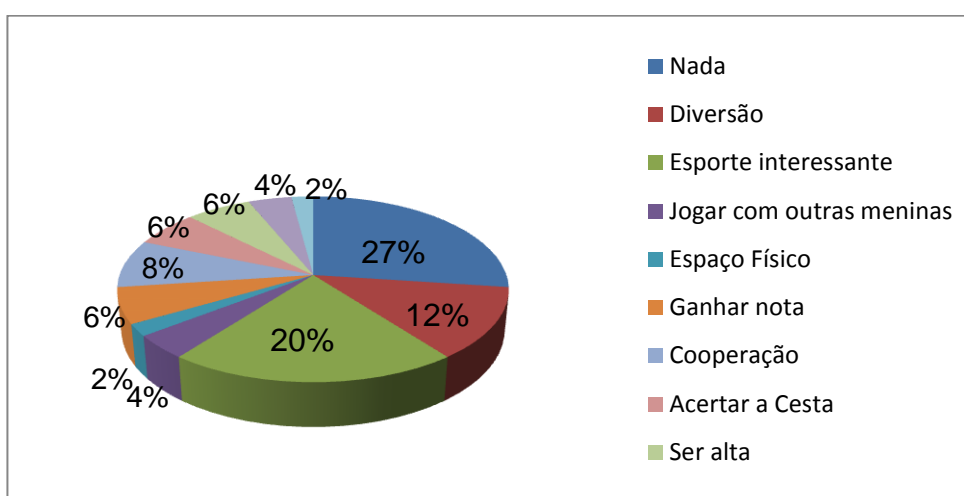
Gráfico 8: Basquetebol e regras adaptadas



Quando questionadas sobre a aplicação de regras adaptadas nas aulas de Basquetebol obteve-se os seguintes resultados: 29% (14) afirmam gostar; 31% (19) afirmam não gostar e 39% (15) afirmam que às vezes gostariam de participar das aulas de basquetebol com regras adaptadas.

Corroborando com os dados obtidos através do estudo de Ramos et al. (2006), estes demonstraram claramente que alguns professores de educação física cometem equívocos no ensino do basquetebol, uma vez que sobrevalorizam o ensino do jogo formal ou o ensino dos fundamentos, deixando de lado o basquete recreativo, bem como as situações de ataque e defesa com oposição simplificada, características do que chamamos de “complexo de jogo”.

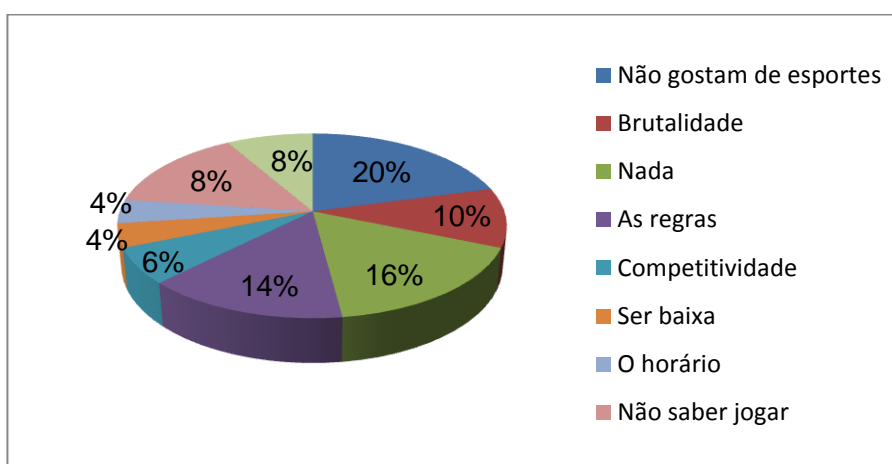
Gráfico 9: Motivação para participar das aulas



Em relação ao que mais motiva a participação das meninas nas aulas de Basquetebol foi visto que: 27% (13) responderam que nada as motiva; 12% (14) a diversão; 20% (9) o fato de o basquetebol ser um esporte interessante; 4% (2) jogar com outras meninas; 2% O espaço físico; 6% ganhar nota; 8% a cooperação entre os colegas no momento do jogo; 6% acertar a cesta; 6% o fato de ser alta; 4% Fazer exercício físico e 2% não respondeu a pergunta.

De acordo com Folle et al.(2005), o estado motivacional dos envolvidos no processo, quando positivo, desperta o interesse e faz com os alunos que se tornem protagonistas, melhorando em si a qualidade da aula. O Coletivo de Autores (2004) afirma a necessidade de o docente propor aulas mais interessantes e estimulantes aos alunos/as, fato que os/as atrairá para as aulas.

Gráfico 10: Desmotivação para participar das aulas.



Em relação ao que mais desmotiva a participação das meninas nas aulas de basquetebol foi visto neste estudo foi o fato delas: não gostarem de esportes (9); 10% (5) afirmam não praticar basquetebol devido à brutalidade; 16%(8) nada as motiva; 14% (7) afirmam que a regra do esporte desmotiva; 6% devido à competitividade; 4% o fato de ser baixa; 4% o horário das aulas; 8% o fato de não saber jogar e 8% afirmam que não ganhar ponto na disciplina desmotiva.

Conforme Alves (2007), diversos fatores podem ser apontados como sendo aqueles que desmotivam os alunos à prática de Educação Física, como a metodologia de ensino inadequada, conteúdos que não favorecem a aprendizagem, relacionamento professor-aluno/a, postura desinteressada do educador, falta de coordenação de área, orientação, supervisão ou direção da escola e a ausência de significado sobre o real papel da Educação Física no contexto escolar que identifique o professor.

CONCLUSÃO

Conclui-se com os dados apurados nesta pesquisa, que as meninas em sua maioria não gostam de praticar basquetebol nas aulas, não costumam

jogá-lo em seus tempos livres, e têm evidente preferência por outras modalidades esportivas como observado no contexto do estudo.

Nas aulas de Educação Física é notória a pouca participação de sua prática, apesar de o basquetebol ser oportunizado para ambos os sexos. Com aulas mistas, elas permanecem inércias quanto à prática esportiva e só se empenham em esportes ditos femininos, como o voleibol e o queimado, reforçando as estruturas de diferenças de gênero, ultrapassadas no tempo contemporâneo.

Recomenda-se para estudos futuros, uma pesquisa utilizando entrevista com meninos ou professores, assim como em escolas da rede pública ou fazer a comparação entre a escola pública e a privada.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. C. **O Desinteresse pela educação física escolar e a postura do educador físico.** In: 6º FÓRUM INTERNACIONAL DE ESPORTES, 2007, Florianópolis. Anais do 6º Fórum Internacional de Esportes, Florianópolis, 2007.

BARRETO, D. **Dança... Ensino, sentidos e possibilidades na escola.** São Paulo: Autores associados, 2004.

BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais:** Brasília: MEC, 1997

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte/Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO et al., **Educação física escolar:** uma reflexão acerca da participação de meninos e meninas nas aulas de educação física. Cadernos de graduação - Ciências Biológicas e da Saúde, Vol. 11, n. 11 pp. 23-44, 2010. Disponível em: http://www.unit.br/Publica/2010-1/BS_EDUCACAO_FISICA.pdf. Acesso em: 18 de outubro 2014.

CASCO, P. Mais e melhores práticas de inclusão de meninas na Educação Física escolar. In: In: Knijnik, J. D., Zuzzi, R. P., organizadores. **Meninas e meninos na educação física:** gênero e corporeidade no século XXI. Jundiaí: Fontoura; 2010. p.73-86.

CBB (Confederação Brasileira de Basquetebol). **Competições e conheça o Basquete.** Disponível em:<<http://www.cbb.com.br>>. Acesso em: 12 de maio 2013.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física.** São

Paulo: Cortez, 2004.

COSTA, M. R. F. e SILVA, R. G. A Educação Física e a co-educação ou diferença? **Ciências do Esporte**. Campinas, v. 23, n. 2, p. 43-54, 2002.

COUTINHO, N. **Basquetebol na escola**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

DARIDO, S. C; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola: Implicações para a Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DEVIDE, F. P. **Gênero e mulheres no esporte: História das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí: Unijuí, 2005.

_____. F.P.; LIMA, F. R.; BATISTA, R. S.; RODRIGUES, F. S. J. Exclusão intrasexo em turmas femininas na educação física escolar: quando a diferença ultrapassa a questão de gênero. In: Knijnik, J. D., Zuzzi, R. P., organizadores. **Meninas e meninos na educação física: gênero e corporeidade no século XXI**. Jundiaí: Fontoura; 2010. p. 87-105.

DORNELLES, P. **Distintos destinos: problematizando as relações de gênero nas aulas separadas entre meninos e meninas na Educação Física escolar**. Anais do VII; Seminário Fazendo Gênero. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2006.

FERREIRA, M.G. **Metodologia do ensino do basquetebol no curso de formação de professores de educação física: um relato de experiência**. *Pensar Prát*, vol.1, p.124-132, 2009.

FOLLE, A.; POZZOBON, M. E.; BRUM, C. F. **Modelos de ensino, nível de satisfação e fatores motivacionais presentes nas aulas de educação física**. *Revista da Educação Física*, Maringá, v. 16, p. 145-154, 2005

GOELLNER, S. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G; FELIPE, J; GOELLNER, S. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 28-40.

GONÇALVES JUNIOR, L; RAMOS, **A Educação Física escolar e a questão do gênero no Brasil e em Portugal**. São Carlos: EdUFSCar, 2005.

KUNZ, E; et al. **Didática da Educação Física 2**. Ijuí: Unijuí, 2010.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 5ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MANOLE. J. **Análise dos motivos que levam crianças de até quatorze anos á prática do basquetebol**. 50 f. Monografia (Graduação em Educação Física) - Maringá, 2001.

OLIVEIRA, V. PAES, R.R. **Ciência do Basquetebol**: pedagogia e metodologia da iniciação a especialização. Londrina; PR: Editora Sportraining, 2012

PCN's. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1997.

RAMOS, V.; GRAÇA, A. B. S.; NASCIMENTO, J. V. A representação do ensino do basquetebol em contexto escolar: estudos de casos na formação inicial em educação física. **RevBrasEducFísEsp**, vol.20, n.1, p.37-49, 2006.

SANTOS, N. et al. Gêneros e Educação Física escolar: notas gerais sobre a formação cultural no decorrer na história. **Revista Digital, Buenos Aires**: ano 12, nº 112, Setembro/2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd112/generos-e-educacao-fisica-escolar.htm/>>. Acesso em: 18 out. 2014.

SANTOS, M. **Vantagens e desvantagens da utilização do Questionário como técnica de recolha de dados**. Disponível em: <<http://mariosantos700904.blogspot.com.br/2008/04/vantagens-e-desvantagens-da-utilizacao-do.html/>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez, 1995.

SILVA, M; PIRES, G. Por um gênero humano para além do sexismo. **Revista Motrivivência, Santa Catarina**: ano 13, n. 19. dez/2002.

SOARES, C. **Pedagogias do corpo**: higiene, ginástica, esporte. In: Rago, M. e Veiga Neto (Orgs.). *As figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Contexto, 2006.

SOUZA, E. G. R. S.; RAMOS, M. R. F.; BARBOSA, M. V.; DEVIDE, F, P. **Capoeira**: Um conteúdo nas aulas de educação física escolar. In: OSBORNE R.; SILVA, C. A. F.; SANTOS, R. F. **Complexidade da educação física escolar**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2013. p. 88-103.

THOMAS, J. & NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

VIEIRA, S; FREITAS, A. **O que é Basquete**: História, regras e curiosidades. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, COB, 2006.